

O YTORORÓ.

JORNAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I SANTOS QUINTA FEIRA 15 DE SETEMBRO DE 1859 N. 2

A lei que marca a eleição de deputados geraes e dos membros das Assembleas provinciaes por circulos e baseada no artigo 97 de nossa Constituição politica.

No pequeno desenvolvimento, que daremos a este escripto, procuraremos justificar a *lei dos circulos*, e mostrar suas vantajosas consequencias.

Na nossa Constituição, que tão sabiamente reconheceu e garantio os nossos direitos, não se encontra marcado o *modo pratico* por que se deve proceder ás eleições, ficando essa attribuição pertencendo á uma *lei regulamentar*, como se vê do artigo 97 que diz «uma lei regulamentar marcará o modo pratico das eleições e o numero dos deputados relativamente á população do imperio».

Quanto aos membros das assembleas legislativas provinciaes, temos que a sua eleição far-se-ha da mesma maneira que se fizer a dos deputados á assemblea geral legislativa, e pelos mesmos eleitores, como determina o artigo 4.º do Acto Addicional.

Essa lei regulamentar, de que falla o supracitado artigo 97, deve estar em perfeito accordo com as circumstancias e necessidades, que a experiencia fez conhecer, manifestadas as quaes, e da la a lei pelo poder competente, como aconteceu, não houve mais do que o exercicio de um direito outhorgado pela lei fundamental.

A população, as necessidaes locais, com o cortejo de mil outras circumstancias, tem no caso o nação um grande peso, ao passo que são cousas que acompanhão o tempo e a politica, e que á lei das leis não podião e nem devião ser indifferentes. Como censurar-se, pois, essa lei regulamentar, de que ora nos occupamos, que a ninguem tirou direitos, sendo aliás *recommendada* e autorizada expressamente por um artigo do nosso código politico?

Entretanto, foi o em projecto combatido no nosso parlamento, e fóra delle, por altas e reconhecidas capacidades.

Chegou-se a negar a *lei constituta* validade!

Mas, perguntaremos, se ha o que fallamos não limitou-se (e nem a mais podia estender-se) a marcar o *modo pratico* das eleições?

Não é isso fundamental e essencial da Constituição politica do Brazil?

Os virones pombos — os ardeões,
Silenciao tambem — acedemores.

Sob a copa das arvores — chommas,
Se repousao as aves — cur e medos,
E gorgelao talvez cantos — caros,
Na encantadota q' o dia avoos.

Somnolentas lagôas — E. E. e. itens,
Arfao sómente as folhas de coltam,
E as florinhas dos campos — cavallo puto,
Behem dormindo em talha — no carmito.

O silencio e a noite — Tudo dorme,
Brilhão tremendo — o sol e as follinas,
Pedrinhas do mosaico — do E. E. E.
O seu throno assentão — no throno divittas.

Astros risonhos que vivão no azul,
Os rubis, as saphyras, e os brilhantes,
Invejão-vos a luz, e a pureza,
E vossos lindos grupos — cambantes.

Estrellas de fulgores e sommas,
Mysteriosas filhas das alturas,
Irmãs que vos beijas — nos labios doces,
Como dormis, o aijos de candidas?

O silencio e a noite — Tudo dorme,
Só a alma do Unvets — este velando,
Durma agora tambem do lar — a alma,
Em mystica harmonia — se embalamo.

S. Paulo, 12 de Julho de 1859.
ZOROASTRO AUGUSTO PANFLOVA.

CHARADAS.

E' nas florestas
O seu viver,
Mas para sô-lo
Convem morrer. — 2

Se prazer — a vida,
Lédo o prático,
Algun ha pedão,
Algun ben — meo. — 2

E' o de Christo
Como cora lo
De muitos reis,
Sempre acatado,
Da moral typos,
Deve morrer ar
Um reis!
A mal — it

(LOGOGRIPIA.)

D'ambos os lados

Examinar — 1.º e 2.º

Bem construido

Aptaz cantar — 2.º e 3.º

A face opposta

Tende a mostrar.

LOGOGRIPIO.

Eis a primeira
Convocativa,
Segunda ao nauta
Mui prestativa;
Terceira vê-se
Mais longe estar,
Ao sol vizinha
Se ha d'encontrar.
Si á primeira
Se unir segunda,
Algun confrade
Ela circumda,
E si é terceira,
A quella unida
Máo é por muitos
Ir ser mexida.
Duas primeiras
Sendo transpostas,
Ninguem o queira
Nas proprias costas;
E si á segunda
Se unir terceira
Vai do altar
Ser costumeira;
Ou do broquel
D'alta Bellona,
Desce ao sapato,
A' pantalona.
Estas transpostas
Covil se gera.
O todo é pedra
Oh! quem a dera!

S. G.

POESIAS. II

A LUA.

A lua... a lua... e ella a minha pupila,
Que eu amo de minha vida nos de lunas;
Gosto de vel-a na campina teozote,
Meu coração enchem-me de martirias.

A lua... a virgem brava e mágoosa,
Tão romantica e bella — e o adeus,
E' ella o anjo, com quem me entrego ao destino,
A flor de meus amores — a p'ra sempre.

De que, senão de amor, como eu te logeio,
Quando no eco a vejo p'ra mim voltar?
O que, senão amor, que eu te quero e quero,
As minhas tristes lembranças me trazem?

A lua... a lua... e ella, que eu amo e beijo,
De ideias melancolicas e sonhos,
Quanta vez te soube me abraçar,
Minha alma ardente a p'ra sempre me abraça!

E' bem velho este amor, que eu te quero e quero,
Criança ainda, e já te soube abraçar,
Achava seductor seu coração de menino,
Sempre gostei de a contemplar e abraçar!

Quantas vezes, olhando a lua e a pupila,
Não fui beijar a sua doce pupila,
Quantas vezes probei-te nos meus braços,
De amor eterno eu te amo e te abraço!

E nunca me esqueci de a contemplar e abraçar,
Tenho guardado a lembrança de a abraçar,
E' por ella sómente que eu te quero e quero,
No silencio do peito eu te amo e te abraço!

Poeta nas paixões sempre eu te abraço,
Com ella tenho todos os meus sonhos,
Nunca a esqueci na vida e na morte,
Quando a não vejo me abraço e te abraço!

A lua... a lua... eu amo a tua pupila,
Ha muito estou de a contemplar e abraçar,
Vou casar-me com ella e com a pupila,
Eu te convido para o meu abraço e te abraço!

Seja o consorcio no dia e na noite,
Em que meu corpo te abraço e te abraço!

Exercício da alma do mortal envolverio,
Em que se pebe a minha virgem pura.

S. Paulo, Julho de 1858.

J. R. P. L. Cunha.

TU ES BELLA.

Tu es bella como o lirio solitario,
Como de minha mãe um doce affago;
Como a flauta gemida no silencio,
Como a lua ao sereno azul do lago.

Tu es bella como é bello o rouxinol,
De noite docemente retirado,
No ramo de cheiroso laranjal,
Cujá sombra elle canta enamorado.

Tão bella como a onda palpitante,
Em seu leito de espumas ao luar,
Como a tarde em seus ultimos adeoses,
Como os ventos da noite a suspirar.

Como as pedras que o zephyro ligeiro
Da florinha mimosa solevanta
Da hastea que chorosa as vê murchar
Tristemente das flores lá na campã.

Tão linda como a bella Italiana
Em seu dijan macio, de mil flôres,
Respirando perfumes do Oriente,
Em languido seismar pensando amores.

Tão bella como um canto de saudade
Ouvido em alta noite de luar,
Pelo terno violão acompanhado
Na praia solitaria lá do mar.

S. Paulo, 1858.

João Antonio de Barros Junior.

O SILENCIO E A NOITE!

O silencio e a noite! — As auras dormem
Abraçadas subitís por entre as flôres.

[1] As poesias que hez de publicar, foram as produções de 3 estudantes do 2.º anno da Faculdade de Direito de S. Paulo. Entregas por ora da musa juvenil dos seus autores, ellas tem direito a toda a consideração dos leitores. Hoje, mais do que nunca, o ser bom poeta é difficilissimo, porque justamente quando a nossa alma mal desabrocha á vida e hallucia tímida a luz da vida, a P'ra e a Lamartine. A. P. S.

olocndros e tendões. De um dos angulos d'esta casquinha habitação elevava-se um bosque mimado palmeira, cujos altos cimos inclinando se como um pennacho davam a toda a vivenda uma physionomia oriental, que causava prazer e contemplar a. Durante o dia, como é costume em Napoles, a *curia* conservava se abençoada e fechada e parecia erma; ao cair da tarde, porém, quando a brisa do mar começava a bafejar, as gelosias se abrião devagar, e então aquelles que passassem junto d'essa casa encantada, podião ver, a travez da janella, aposento ricamente mobilado, pelos quaes passeavam apontados braços um do outro e titando-se com olhares apaixonados, um bello mancebo e uma moça tambem bella. Erão os senhores d'este pequeno palacio de fada, o conde Oloardo Giordani e sua joven mulher, a condessa Lia.

Posto que os dous jovens se amassem desde longo tempo, havia apenas seis mezes que se tinham unido. Deverião ter-se casado no momento em que a a revolução napolitana rebentara: então, porém, o conde Oloardo, cujo nascimento e princípios ligavam o a causa da realza, seguira o rei Fernando á Sicilia e ficára em Palermo, como cavalleiro honorario da rainha, durante oito mezes: depois no momento em que o cardinal Ruffo fizera a expedição da Calabria, o conde Oloardo pediu a sua soberana permissão para partir com elle, e, havendo a obteido, acompanhára este singular chefe de partido na sua marcha triumphal para Napoles. Entrára com elle na capital, onde foi encontrar a sua Lia sempre fiel, e, como nada mais se oppuzesse á sua união, esposou-a. Fazendo ás mutanças que desolavão a cidade, elle conduziu sua joven esposa para o paraíso, que descrevêmos e que habitavão de haes tempos, onde o conde teria sido sem contestação o o homem mais venturoso da terra, a não ser o acontecimento que lhe sobrevieo e perturbo o preferalamente a sua felicidade.

Nem todos os membros da família de Oloardo partilhavão o odio que elle tributava aos *franceses*, por causa do qual abandonára Napoles, ao vel-os approximarem-se. O conde tinha uma irmã mais moça, chamada Thereza, bella e casta menina, que como um lirio desabrochava á sombra do claustro. Segundo o costume das famílias napolitanas, o futuro de amor e de felicidade da *filizella*, este amor que Deos permittio que toda a creatura humana ouzasse esperar, havia sido sacrificado ao futuro de ambição de seu irmão mais velho. Antes que a pobre Thereza pudesse saber o que era a vida, as grilheas de um convento se tinham fechado entre ella e o mundo; e ao tempo em que seu irmão, que a adorava, tornára-se senhor de sua liberdade, tres annos já havia que ella tinha pronunciado os votos.

Logo após a morte de seu pai, o conde Oloardo, dirigindo-se á sua irmã, offereceu-se-lhe por intermédio do Santo Padre o rompimento dos votos que ella contrahira antes que pudesse saber o valor do juramento pronunciado e a extensão do sacrificio que ia fazer: entretanto, para a pobre menina, que não vira o mundo senão atravez do falso espelho dos seus primeiros annos, e que portanto não conhecia outro amor senão aquelle que consagrara a e Senhor, o claustro offerecia seduções, a solidão tinha seus encantos: ella, a obediente, a seu querido irmão o offerecimento que lhe fazia, assegurando-lhe que se julgava feliz e receiava que qualquer mudança viesse dar a sua existência um peryir differente d'aquelle a que já se havia habitado.

(Continúa).

promulgado em 1830, e a legislação que se lhe seguiu, onde nenhuma anticipação, nenhuns precedentes, e nenhuma novidade de idéas novas — o Código Brasileiro poderia ser o exemplo de um trabalho do século, o culminatums das esperanças da Humanidade. Mas, infelizmente, faltou-lhe um dado, faltou essa experiencia sem a qual não se...

E como lemos a legislação que se fez em nós e costume, suas idéas e sentimentos? Como se pôde fazer a legislação nova em um compromisso com o passado? Sim, Senhores, eu não posso e não quero, era a media idade no século XIX: o presente consistia em fazer o que se sabia sobretudo para um povo que ainda tem tantos hábitos de Paes e de séculos fatal de seus antepassados. A experiencia porém vem vindura, e as reformas se elaborao no seio da Representação Nacional. Oxalá possa a obra a que me dá o grande fim de nossos trabalhos — conciliar o amor ao homem com a justiça e a compunidade!

Até aqui a História se lê. Mas eu vos disse que ha tambem uma theoria. Poderet eu porém fazer o mesmo que fiz á Historia? Não, o estado da theoria é summamente curto. A theoria é vasta porque ella é a razão de tudo, e o que se lê e o que se vê esse vai ser o objecto de nossos estudos em todo este anno. Espero que vos ganareis no estudo profundo da natureza do crime e de seus antecedentes, e vos mostrarei quaes as circumstancias que absolvem o delinquente, quaes as que o condemnáo a perversidade, quaes enfim as que eleváo ou abatem o thermo da pena. Então exporei a bella theoria das satisfações, e vos conduzirei ao estudo do mysterioso e do mysterioso das penas: depois indicarei suas diversas applicações, e que se lêem no oceano do Processo Criminal, tão vasto, e tão agitado, e que se lêem nos livros talvez não possamos dividir.

Basta: eu vos tenho dito os dados precisos para julgardes da importancia da sciencia. Cumpre-me agora dizer-vos de mim: mas que vos direi eu de mim? Não todos me conhecem, e eu não sou mais do que um velho amigo de vossa companhia, elevado hoje ao magisterio, não tive ainda tempo de ensinar muitas idéas; urge confessal-o, e com toda a singeleza d'alma, digo-vos que me acompanha no meio de vós, no meio de jovens tão esperanças, e que me dá a impressão de uma debilidade intellectual, a desconfiança que nutro de mim mesmo, a convicção em que estou de que nunca poderei satisfazer á simulação dos vossos desejos, e aos ardentes votos que faço pelos progressos de vossa sciencia.

Que direi de vós? Não posso dizer-vos os principios de honra, fiado em vosso antecedente procedimento, só posso dizer-vos que não temo a vossa sciencia, porque essa nunca se recommenda demasiado: — o estado da theoria é de que se chega á perfeição, e que se chega á perfeição do Sanctuario da Sciencia; e lembrai-vos enfim das palavras de um velho amigo de vossa companhia: — só pelo exercicio varonil do pensamento é que a mocidade poderá ser a luz do século XIX.

A VIOLÊNCIA DO VESUVIO

POR

ALEXANDRE DUMAS.

Uma violenta erupção do Vesúvio, acalmada por um milagre de S. Januario, deu lugar ao seguinte episodio que imos narrar.

Sobre a encosta do Vesúvio, junto á nascente de uma das ramificações do Sebetus, ergue-se um edificio tão encantadora como as que se vêm brilhar nos delirios da noite de Leopoldo Roberto. Era uma elegante edificio quadrangular, e parecia mais uma casa, menos imponente do que um palacio, com o seu portico sustentado por columnas, com um terraço servindo de telhado á parte superior, e uma escadaria exterior, guarnecida de flores e rugas de mármore, e com um jardim plantado de laranjeiras,

queasse ante o altum e modernum, para que tamanhos resultados se conseguissem, para que a Sociedade nova se declarasse emancipada. Ideias, Philosophia, Religião, tudo soffreu, como deyta, uma reforma total, e a Europa dentro em pequeno prazo não se reconheceu a si mesma. Todavia o systema penal de quasi todos os paizes ia ainda conservando os habitos de sua antiga ferocidade; lêde o Livro 5.º desse Código que Philippe III deu a Nação Portugueza: e vêde como ainda no seculo XVII a Jurisprudencia penal vacillava incerta e sem bases fixas. Só a Inglaterra, apesar da barbaridade de seus Estatutos penaes, repousava sua segurança no bom senso de seu povo, e nas garantias que até hoje lhe offerece essa instituição preciosa que resguarda a liberdade dos Ingлезes—o Jury, planta que talvez mirre em outros climas, mas que ao menos é a mais frondosa e abrigadora dos campos de Albion.

Mas emfim a Philosophia moderna devia tambem regenerar a sciencia da legislação; Montesquieu propoz a discussão, e as questões sociaes forão dadas para a ordem do dia da Europa. Todavia no «Espírito das Leis» a synthese suffocou a analyse; o genio vasto de Montesquieu tinha apenas pairado sobre as summidades da sciencia, não tinha despendo aos pormenores da especulação penal. Cumpria observar as monstruosidades do processo antigo e extirpal-as; cumpria dissecar a acção do homem para relacionar a com os interesses sociaes, e ainda mais, cumpria ir arrancar ao coração humano o segredo do delicto, pezal-o, combinal-o, e formar a escala completa dos graus da penalidade.

Realisar esse pensamento, o unico regenerador da Sciencia, estava reservado ao genio brilhante da Italia. Beccaria foi seu primeiro interprete. O pequeno tratado dos delictos e das penas, Senhores, é um monumento: alli se escrevêrão os programmas da legislação futura, alli se apontarão as necessidades que tinha creado o seculo da Philosophia. Vêde o espantoso effeito que produzio esse livro; Voltaire faz-lhe o commentario, Diderot, Aembert, Hume, Frederico, os Encyclopedistas todos o elevavão ás nuvens; Beccaria absorveu por um momento a attenção da Europa.

Mas, Senhores, o livro de Beccaria, como vos disse, é apenas um programma. As questões alli mencionadas, e outras ainda não apontadas devião ter largo desenvolvimento. Filangieri, Pastoret, Brissot, Pagano, são os grandes homens da Sciencia; elles preparavão essa opiniao publica que devia ir dominar na Assembléa Constituinte da França revolucionada, essa opiniao formidavel diante da qual forão á terra as columnas gothicas do edificio antigo, essa opiniao emfim que já tinha sido escutada pelo Rei da Sardenha, pelo grao Duque da Toscana, e por Catharina—a Grande!

E com effeito, Senhores, essa opiniao dominou na França: o Código de 1791 é na verdade um fructo d'essa epocha, feito com todo o enthusiasmo do bem, com toda a inexperiencia do mal: os Legisladores erão os ardentes conquistadores da Bastilha! —Além d'isso elles desconhecêrão a gradação completa das penas: foi o maior de seus erros.

Mas no entretanto lá se elevava na Gran-Bretanha um homem que por si vale Filangieri, Brissot, Pastoret, e a Assembléa Constituinte. Esse homem, Senhores, é Jeremias Bentham. Theorias novas e as mais completas que temos, nomenclatura riquissima, unidade scientifica, intimo relacionamento com as outras partes da Jurisprudencia, — tudo devemos a este celebre Jurisconsulto. Restaurador do grande principio da — «utilidade» — o Philosopho inglez nem por isso compromette a certeza de suas doutrinas. E' bello na verdade vê-lo com a perspicacia immensa de seu genio, com a valentia de sua dialectica examinar os elementos de um delicto, ou a natureza de uma pena; e então que elle alardêa os recursos infinitos de sua intelligencia. Foi elle quem nos deu noções claras d'essa, ha tanto apregoada, mas nunca cumprida proporção dos delictos com as penas; foi elle emfim quem completou a theoria da prevençao dos crimes. Estudai-o pois, Senhores, que pela maior parte suas obras servirão de base ás preleções d'esta cadeira.

Depois de Bentham as Nações estão habilitadas para legislarem: as ideias de Bentham são até hoy, Senhores, as balizas da sciencia. Os redactores do Código Penal de Napoleão, Fodera, Russt, Lucas, Bayoux, esclarecem certos pontos, e quanta luz não derramão sobre os progressos da penalidade! mas não formarão systema novo, nem theoria e penal. Foi n'essas mesmas ideias que se baseou o nosso Código, que podemos com ufania chamar em alguns respeito—a ultima expressão da penalidade moderna.

Vindo por ultimo, poderão aproveitar todos os esforços dos sabios Europeus,

crimes, mostrou a humanidade do homem, e decretou sem o querer a impunidade dos delictos e dos crimes. Exceção, mas Leca, sua Republica formou uma anomalia historica, porque teve um delicto, que ainda não teve copia, que não a terá sem duvida, por parte do tyrannico monarcha de Lacedemonia nem uma semelhança tem com as sociedades modernas. As leis de Solon são as mais celebres da Grecia; o philosopho de Atenas, que era o melhor de homens, procurou proporcionar as penas aos delictos, e como delictos, todavia nem nas leis de Solon, nem nos escriptos dos sabios que se encontram uma doutrina penal. A legislação n'esses tempos, e mesmo até muito depois, foi a partilha da erudicao, um ramo de litteratura e de bellas artes, e não uma sciencia. Moral, Religiao, Justica, tudo estava confundido em um indeterminate humo, nem uma discriminação fixa, nem uma forma regular de processo, nem uma theoria scientifica; tudo caprichoso, tudo a mercê do capricho, ou das facções do momento!

Apezar do impulso que n'esta época teve no mundo Romano a sciencia governativa, apesar dos processos delictos lezados em seus codigos á legislação civil dos povos vindouros, apesar da necessidade urgente que sentio o Povo Rei de bem governar tantas nações da Europa de fazer respeitar no Orbe a dignidade do cidadão Romano, ainda assim a penalidade pouco teve que apurar n'esse ultimo cadinho da Humanidade antiga. A lei sua confusão lavrava; as theorias pouco se adiantarão; a Jurisprudencia penal não teve um codigo seu que a independentizasse dos outros ramos da Sciencia social; além d'isso penas atrozes ou desproporcionaes se applicavão; acções socialmente amoventes forão punidas; falsas relações moraes forão arbitrariamente estabelecidas pelo poder; todavia o processo melhorou, um proceder franco e nobre da humanidade Romana, presidiu ás investigações da justiça, e a humanidade não atropellada no furor das batalhas, não gemeu sob a suave protecção das leis e dos juizes.

Ella guardou-se para depois d'essa epocha posterior de calamidades, em que a heresia foi o primeiro delicto, e a tortura a mais segura das provas, e a roda o mais suave dos castigos. Mas não se podia contemplar tantos horrores accumulados n'essas eras de angustia. Manifestou-se invadido os tribunaes, em que milhares de «processos-monstrosos» se julgavão, em que milhares de victimas comprário nas labaredas a liberdade e a vida. Eu fallo, Senhores, d'essa epocha singular em que por um verso abismo de contraste estavam com crimes e desgraças envolvidos todos os elementos da civilização moderna, d'essa epocha de fermentação unica na historia em que as tradições do Imperio, os sentimentos do Barbaro, e as esperanças de uma Religião nascente devião amalgamados produzir alguma cousa nova, alguma cousa, Senhores, que se sentisse das tradições do Imperio, dos sentimentos do Barbaro, e das esperanças brilhantes do Christianismo!

D'est'arte, Senhores, a necessidade plene nada mais foi do que um vasto laboratorio, onde Religião, Povo, e Poder, tudo devia depurar-se para reaparecer com feições diversas, e enriquecido com toda a força esperancosa da mocidade; ella não foi senão o campo onde se fez o grande da Humanidade fez as experiencias do futuro.

Assim, por isso que tudo estava confundido e em elaboração, o Christianismo se elevou entre os Povos da humanidade como uma potencia vaga, indefinida por abranger a sociedade inteira, penosa e formidavel por unir os poderes do seculo aos recursos inexhaustivos da eternidade, por cabear a cruz da Tiara sobre a usurpada corôa dos Reis; d'outra parte a scholastica barallhou todas as ideias philosophicas, constituiu-se a sciencia do poder, da letreja, o phantasma amedrontador do espirito humano; a Legislação deu origem a todos os furroses do fanatismo e da ignorancia, e o apoio do Sacerdotio tornou-se o fundamento do Vaticano.

Mas, Senhores, a elaboração foi vasta, seus resultados forão extraordinarios; e assim como o Christianismo devia reaparecer mais brilhante, menos usurpador, tendo só por abrigo o altar, e não o tribunal da consciencia; assim como a Scholastica devia converter-se em Philo sophia, e deixar ao espirito toda a elevação e hardimento de suas crenças, e a sociedade, que era também mais illustrada, mais humana, menos caprichosa, devia surgir e desenvolver-se no meio da Sociedade moderna, sem penas atrozes, delictos imaginarios, e a tortura de processo barbaras, tortura nas provas e logo nos supplicios.

Era preciso que a civilização se desenvolvesse em nove seculos, que Bysancio ha-

DISCURSO com que o Sr. Dr. Francisco Bernardino Ribeiro abriu a 2.^a
Aula do 5.^o Anno do Curso Juridico de S. Paulo em 1856.

Chamado para conduzir a aula do Direito Penal Brasileiro, cumprimento, Senhores, atrahit vossa attenção para a materia que vai ser o assumpto de minhas proleções e de vossa meditação e de estarte interessar vos no desenvolvimento das altas questões da Jurisprudencia Criminal.

Vastas, importantissimas não sem duvida essas questões; ellas abrangem a Sociedade inteira, e a Sociedade vive, Senhores, e prospera porque em todos os seculos e em todos os paizes uma educação qualquer lhes tem sido dada. Correi os olhos pelo espectáculo imenso que vos offerece o mundo do homem, reflecti em todas as portentosas proleções do activo da humanidade, perscrutai os segredos dos seculos, revolvei os depositos preciosos que umas ás outras as gerações transmittem, e dizei-me depois se ha ali mais augusta, solenne e magestosa, que espectáculo ha ali mais grandioso do que esse que apresenta o exercicio da Justiça humana! — Não é o homem a subjugar a natureza, não é a intelligencia dominando a força, não é a habilidade que submete automatos; é o homem que subjuga outro homem, e a intelligencia dominando vontades, é a liberdade a submeter paixões — emfim é a Justiça governando a terra, a Justiça, a mais gloriosa das ideias do homem, a mais elevada de suas concepções, o mais alto de seus pensamentos, porque seu typo é a Divindade!

Filha primogenita da raça humana, inseparavel companheira da Religião, a Justiça, Senhores, virgem e troute nas florestas, ajudou a levantar a choupana do Barbaro, e a tenda portatil do Nomade; metto perturbada depois, sentou-se á porta do pastor e do agricola, seguiu o facho e o rebanho e a seara. Ella que abandona os desertos, reúne os homems e cria as cidades, constitue os estados — e em premio lá lhe atirão a toga dos Consules, aqui o cetro de um dos Cesares, alli o sceptro dos Reis, acolá a marraque dos Reis que emta e dita leis no Areopago, senta-se na cadeira curul, preside o senado, e no senado suas palavras são escriptas, e suas palavras são o oraculo do povo! — Ella é a Lei!

Mas que, Senhores! — E não está governado por si só a terra? Não: a Justiça tem inimigos assim como a natureza que é grande e maravilhoso no homem: as paixões armão-se contra ella com todos os recursos do genio da maldade; os crimes tambem aspirão ao sceptro. — Para bem, não se permitto atroz em que a Humanidade periga, arme-se tambem a Justiça, ergua-se de força, levante o cutelo vingador do crime, constitua a PENALIDADE.

E o que é a penalidade senão a Justiça felleada de todo o cortejo das forças sociaes? — Senhores! o homem é um animal humanizado; cumpre desarmar-o para viver com elle; a pena é esse pacto singular que liga o homem social ao barbaro, a condição essencial que garante a humana, a garantia sagrada de sua existencia. Aboli em uma sociedade qualquer o systema penal, desarmai a Autoridade, e tereis d'estarte a sociedade a tal ponto mysterioso que converte o egoismo interesseiro em virtudes, e a sociedade finalmente aniquilado a salutar influencia das Leis.

Mas eu vos disse que a Lei é uma concepção da intelligencia humana, que a penalidade é um systema. Logo a concepção tem uma historia, todo o systema tem uma theoria; não ha natureza que não se facto na natureza que o homem não possa sujeitar ao dominio da intelligencia; a justiça penal não póde ser exceptuada, ha de forçosamente ter uma lei e uma theoria.

Sua historia, Senhores, a Lei é a Lei, e como todas as outras, é a narração do progresso das facultades humanas; esta continuo e accelerado, d'ahi a pouco incerto, expirando quasi, depois existendo, qual a Phénix do deserto, cheio de brilho e de esperanças.

Deixemos de parte a Grecia e a Roma; o mundo Oriental e o Grego tem mais existencia para nós na recordação da memoria e nas allusões magicas da phantasia do que em beneficio real; seu que haço legado. Deacon com a inflexibilidade de suas leis de ferro que não se amoldavam, que punão igualmente toda sorte de

rica e litteraria que já embebeo, e que a faculdade profunda dos mestres que estudára, do que hoje possa se reflectir no «Correio Paulistano». Parecerá este nosso juizo por demais licencioso e pouco fundamentado; mas é a expressao franca do nosso conceito individual.

E não é só na critica litteraria, que o Sr. Macedo Soares se distingue; como artista, como musico, o joven escriptor disserta e analysa. Conhecedor da arte de Mozart e Rossini, essa litteratura dos sentidos do coração, como a define Lamartine, foi elle o primeiro a explorar este campo esthetico nas paginas da «Revista do Ensaio». Felicitando-o pelo successo da estrea, levamos lhe o pensamento iniciador. Neste genero de escriptos são ainda dignos de aprego litterario alguns dos seus folhetins do «Correio Paulistano» d'este anno.

Porque, porém, com tão boas disposições o Sr. Macedo Soares se tem circumscripção até hoje ao estreito circulo de folhetins e artigos de curto fôlego? Porque não ensaia o joven litterato o seu talento na creação de alguma obra d'arte? O romance e o drama moderno que, na opinião de Garrett, são proprios do seculo, não offerecerão attractivos á musa do critico tão cheio de gosto e de seiva?

«O genio, diz algures o chefe da escola eclectica na França, é antes de tudo inventor e creador». E não deveriam estes os que se sentem abrasar pela chamma interna do talento buscar appproximar-se ou imitar o genio?

Procure pois o Sr. Macedo Soares estudar a sociedade em que vive, observe os nossos costumes, disseque caracteres e typos, que não faltão entre nós, aprofunde a sciencia do coração humano, e dê-nos no romance, como o escreveu Eugenio Sue, quando escrevia sem vistas systemáticas, ou no drama, como o compõe Alexandre Dumas Filho, o fructo de seus estudos sociaes. Com os dotes intellectuaes que ornão o joven escriptor e seguindo a senda indicada, é quasi impossivel que o Sr. Macedo Soares não triumpho.

Demos por terminado este rapido esboço critico, se tal nome podem merecer as linhas que ahí deixámos cahidas da nossa penna. O mancebo de quem n'ellas nos occupamos, haja de desculpar a nossa liberdade de ousarmos emittir uma opinião incompetente e por ventura falsa sobre a sua individualidade litteraria. Não nos conhecemos, nós pelo menos não conhecemos aquelle de quem fallámos, mas prezamo-nos de saber apreciá-lo pelos seus escriptos, e ainda uma vez o elogiamos pelo proveitoso e feliz emprego que dá aos seus ocios academicos. — Santos, 1 de Agosto de 1859.

A. P. S.

Lendo os «Traços biographicos sobre os poetas academicos» do Sr. J. V. Couto de Magalhães publicados recentemente nos ultimos numeros da «Revista da Academia» notámos que, na breve noticia que dá sobre Francisco Bernardino Ribeiro, o talentoso e instruido quintanista, seu autor, menciona, entre os escriptos deixados por este nome tão celebre nos annos da Faculdade de Direito de S. Paulo, um discurso pronunciado pelo joven professor na abertura da aula de direito criminal a seu cargo. Esse discurso, porém, o distincto redactor da «Revista da Academia», a despeito da sua evidente paciencia na laboriosa investigação dos dados para a organização dos esboços biographicos sobre os poetas academicos que emprehendêra, não o pôde obter, e, referindo-se a elle, avança um juizo sobre o seu merito, fundado na opinião de autoridades estranhas.

Achando-nos casualmente de posse de um exemplar d'essa peça de eloquencia scientifica, julgamos render um pequeno serviço ás lettras, fazendo-a reimprimir. Sendo hoje rarissima esta obra, a sua nova publicação não poderá deixar de ser escolhida benignamente pelos apreciadores, principalmente por aquelles que, como o Sr. Couto de Magalhães, sem embargo de seus esforços em contrario, não experimentarão ainda o prazer de vê-la reviver os talentos de uma das mais precoces capacidades da Academia Paulistana, certada pela morte na primavera dos seus mais bellos annos. — Santos, 9 de Agosto de 1859.

A. P. S.

envolvimento de seu programma, nem vacille sempre que for preciso ser forte — o hesitar nesses occasoes, e perder-se sem remedio; dizei-lhe que o viver é trabalhar, e que as palavras de Guatmozin representam a verdade. Em quanto a mim, vos desejo o futuro mais propicio e tambem vos saúdo — O YTORORO! — Santos 10 de Agosto de 1859. G. A. P.

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.

O SR. ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES.

Entre os talentos mais esperancosos da intelligente mocidade academica de S. Paulo, ha um, que, pelo seu vigor precoce evocação decidida pela litteratura, nos attrahe principalmente a attenção e convida a nossa penna mal aparada a escrever algumas phrases descosidas em seu favor — é o Sr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Participando da sua sincera dedicação á causa das lettras no nosso paiz, no nosso paiz onde infelizmente essa causa conta tão raros advogados e é tão friamente acolhida no tribunal da opinião, nós, por esse ponto de afinidade talvez, sympathisamos irresistivelmente com o joven terceirannista, cujos escriptos visão exclusivamente, (pelo menos aquelles de que temos noticia), a fins litterarios ou artisticos. O escriptor da «Revista artistica» do «Correio Paulistano», o noticiador dos academicos mais notaveis da Faculdade de Direito de S. Paulo da «Revista Popular», o autor do artigo intitulado «Musica» — da «Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano», aquelle a quem o mesmo «Correio Paulistano» deveu o anno passado alguns folhetins, elaborados com gosto e talento, o mancebo enfim que, desde os primeiros dias da sua vida academica em S. Paulo, começou a manejar a penna com habilidade em artigos litterarios, não terá sobejo direito ao incompetente, mas lhano tributo da nossa estima de irmaos de lettras? Amante da litteratura até o devotamento, como não saudarmos com enthusiasmo, estendendo-lhes fraternalmente os braços, áquelles que se applicão ao seu estudo, parecem estremecê-la como nós?

O menos creador dos seus cultores, somos entretanto um dos seus mais fervorosos idolatras. A litteratura é, por assim dizer, a affeição mais querida do nosso espirito; aquelles que, como nós, a amão, são mais do que nossos irmaos, litterariamente fallando, são nossos amigos.

O Sr. Macedo Soares, como litterato, apresenta já uma physionomia caracteristica, cujos traços resaltão pronunciados e desenvolvidos. Espírito observador e analytico, dado á leitura e meditação dos criticos, dotado de fino gosto, faculdade toda de apreciação, segundo Cousin, e que é na litteratura, na phrase elegante de Mme. de Staël, como o bom tom na sociedade, o joven escriptor promette no futuro ao seu paiz por ventura um Gustavo Planché ou Sainte-Beuve, conforme alguém já o disse. A firmeza dos juizes do Sr. Macedo Soares, o acerto da maxima parte d'elles, o seu estylo a um tempo conciso e imaginoso, na nossa opinião, destituida de autoridade, qualidades primarias de todo o bello estylo, a agudeza do seu espirito, e o seu esclarecido criterio, são attributos preciosos e que admirão na tenra idade do joven academico. Logo de Mendonça, quando na idade de vinte e um annos escreveu os seus — «Ensaes de critica e litteratura», não teria por certo mais aptidão para meneiar o escalpello, se então não lhe valesse então a vasta erudição histo-

das revoluções, foi teu embaixador? — o alto do pedestal que tu para elle havias erigido, porque desconheveu o teu preceito, porque attentou contra a tua inviolabilidade!... todos esses meteoros se consumirão para tua vantagem, para tua grandesa!... os seus labores, os seus esforços, os seus effeitos te pertencião!... Hoje esses heroes dormem o sono da morte, envolvidos em suas vestes marciaes, descação das proprias façanhas, que, em sua carreira tormentosa, cobrirão a terra de horror e desolação; tu, porém, ainda existes, existirás sempre, porque es eterna!... porque és o thaumaturgo, és o prodigio, és o luzeiro da criação, és mais ainda, és a filha bem amada do Alpha e do Omega!... quasi semelhante á teu pai!! Permite, miraculosa Soberana do Universo, que depois de me haver prostrado ante ti, saúde a grande sombra de teu primeiro apostolo, daquelle que empregou os melhores e mais bellos dias de sua vida na adoração de teu nome, que com pasmosa paciencia, admiravel perseverança preparou o orgão sublimado de tuas conquistas eternas como a immortalidade! Guttemberg! Guttemberg! a posteridade hoje encara o vosso busto reverente, queima seus mais preciosos incensos sobre vosso tumulo; esparge por sobre elle as suas flores mais odoríferas; enxerga em vosso berço o pharol da humanidade; balbucia vosso nome com voz entrecortada por doidos soluços, chama-vos seu protector, seu benefeitor, seu regenerador, seu grande homem! O vosso mausoleo é entre todos o mais duradouro, foi construido na intelligencia, na memoria dos homens. Guttemberg, muito soffrestes; fostes perseguido por aquelles mesmos á quem beneficiastes, cuja grandeza preparaveis com tanta fadiga, tantas dores! nunca conhecestes uma só das doçuras, das caricias da vida! descestes ao tumulo vergado pelo abandono, pela ingratição dos homens!! Consolai-vos, tal é a sorte dos grandes homens!... é a expiação que o destino impoz sobre os seres privilegiados! para ser grande, cumpre sacrificar a felicidade no altar da Gloria. Miltiades, Aristides, Themistocles, e muitos outros, vossos companheiros de agora na celestial mansão, como o forão de lides e de infelicidades na terra, vos contarão talvez ainda com pezar as perseguições daquelles que elles conduzirão á Marathon e á Salamina!... Hoje, porém, vos achaes bem compensado de vossas vigílias; vossos filhos vos são gratos, e reconhecidos; collocarão-vos no Pantheon da immortalidade, á par das maiores celebridades de todos os seculos; grande numero de cidades disputarão entre si a honra de vos ter dado o nasimento; todos curvão sua frente ao proferir —Guttemberg! Permitti, pai venerando da imprensa, que vos invoque na occasião solemne em que um outro lutador enceta sua espinhosa carreira; sêde auspicioso á brilhante aurora d'este Phaetonte, que circumdado das recordações mais transcendentes, e de tudo quanto este vasto imperio tem de grandioso, dardeja seus fulgores da patria dos Andradas, da terra do Amazonas, bem á vista do Ypiranga, e dos tumulos de seus famigerados patriarchas. Elle estrêa sua tarefa cheio de vida, de seiva, e de esperanza. Guiai-o pela mão por entre as procellas, que por ventura terá de atravessar em sua marcha; indicai-lhe o melhor meio de triumphar das inumeras difficuldades que se lhe antepuzerem; moderai sua voz, mesmo na verdade, afim de que seja ella ouvida pela patria com attenção e affecto, pois é á ella que se dedica devotado; sustentai-o com vossa palavra vigorosa no momento de seu abatimento; dai-lhe de conselho que caminhe com valor, sem desviar-se uma só linha do complemento de sua missão; que não desanime no des-

das ambições da imprensa, e os simples conselhos, os artigos de lavra própria, que se lerem em suas páginas, e o empenho da pennada dos autores respectivos, não serão senão verdadeiramente úteis e indispensáveis à nobre tarefa do jornalismo no nosso país, de homens e meios. E os que se empenham na patria e as letras sobre todas as cousas, se adestrassem para a imprensa e para as campanhas do futuro. Este, quem sabe? contem nas suas mãos, e com muita adiantando, muito progresso, muita illustração, muito poder, e com a terra sem plantados, vingarem e dominarem na terra de Santa-Cruz, e os seus companheiros de toda a qualidade de soldados e operarios, valentes e perigosos, e os seus...

Salve, Hippocrene, a fonte da lymphe historica e fecunda, salve!



O prodige! Le temps, vainqueur des autres arts,
Roule son char poudreux sur leurs débris épars;
Mais l'âme, inaccessible aux lois de la matière,
Contente du Ciel, se survit toute entière;
Ses chefs-d'œuvre, gardés par un soin merveilleux,
Rapprochent la distance et des temps et des lieux,
Embarrassent l'univers, et, sans peur de naufrages,
Vagent indépendants sur l'Océan des âges.

[A. Bignan. Epitre sur la découverte de
l'imprimerie — 1829.]

Grande Genio da civilização, Mãe veneranda de tudo quanto os seculos contemplão de grandioso e sublime, voz illustre das mais robustas intelligencias, eu te saúdo respeitosa, e cheio de assombro!... O teu dominio é o Universo! tens teu throno radiante plantado no pincaro do Sinai, e, semelhança á voz de Deus, moves á vontade os povos e os mais valentes exercitos!... O teu estandarte cobre a superficie da terra; as espadas dos mais denodadas guerreiros sustentão o teu imperio. O teu altar tem sido regado com o melhor e mais generoso sangue da humanidade!... os poetas de maior força tem devantado o teu glorioso nome, e magnanima levaste os seus á posteridade mais remota — sem ti a sua passagem na terra teria sido silenciosa... logo todos ignorarião a existencia desses athletas da civilização e da sciencia!... o mesmo tumulto teria envolvido seus cadaveres, seus trabalhos, suas fadigas! Os Voltaire, os Rousseau, os Chateaubriand ante ti se prostrarão humildes, com religiosidade te adorarão. Esses levitas de teu templo, menerão victoriosos o terror irresistivel de tuas armas; combatentes da vanguarda de tua phalanges, por toda a parte proclamarão a tua soberania! tribunos de teu conselho, ensinarão tua lei ás gerações, que religiosamente a recolherão e registrarão no seu Talmud!... Os monarchas mais poderosos, a oligarchia mais orgulhosa, a ochlocracia mais turbulenta temem tua ira! tudo, tudo enfim se curva ao teu poder incommensuravel! os vultos mais eminentes, mais afamados desaparecem á tua vista! Os Cyro, o Hannibal e os Alexandre forão teus precursores e prepararão a vastidão do teu impetio!... O filho predilecto, mas ingrato